LENDAS AMAZÔNICAS

2ª EDIÇÃO

Manoel Santiago

GRANDES TEMAS em PEQUENOS FORMATOS

Manoel Santiago

Lendas Amazônicas

2ª Edição Revisada

Prefácio da 1ª edição de
Arthur Cézar Ferreira Reis

Manaus - 2003

Prefácio

Manoel Santiago nasceu no Amazonas. E o seu maior artista do pincel. Sua projeção no cenário artístico do Brasil não se pode medir por esta ou aquela manifestação, mas por todo um intenso conjunto de quadros que lhe asseguram a renomada que alcançou e provocaram o pronunciamento entusiasta de uma crítica exigente e, por isso mesmo, na austeridade de seus registros, insenta da paixão negativa.

Lembro-me que, estudante do Rio de Janeiro, tomei conhecimento de sua vida artística através de noticiário de imprensa que referia, sem restrições, a projeção de seu nome e de sua atividade criadora.

O Amazonas ignorava-o até bem pouco tempo. E ele se magoava profundamente com essa maneira de sua terra e de seus coestaduanos. Fomos, por isso, buscar-lhe o nome para a Pinacoteca que o Estado começa a organizar.

Seu livro "Lendas Amazônicas", que as Edições do Governo do Amazonas lançam hoje, reflete sua paixão pela terra onde nasceu. E no texto escrito, uma reprodução do que no pincel já compôs com aquela

forma e aquela profundidade de emoções que só os artistas, sob a força divina sabem reproduzir e imaginar.

Manaus, janeiro de 1967.

Arthur Cézar Ferreira Reis

Sumário

Iara 13

O Curupira 19

Iurupari 25

Tincuan 31

Cobra Grande 37

Mapinguari 43

Mati-taperê 49

O Irapuru 55

O Boto 63

O Caipora 69

IARA

IARA

Um velho pajé, sentindo-se muito doente, chamou o filho e disse:

— Guanumbi, ouve bem: Vais ser o herdeiro de minha glória e dos meus troféus e, assim, nada te quero ocultar. Tua mãe, antes de morrer, pediu-me que nunca te deixasse tomar banho na lagoa grande, pois lá viveu, nos tempos de teus avós, uma velha tão velha que já se não contavam as luas de sua idade. Um dia, solicitou ela falar para teu avô e profetizou:

— Terás um neto tão forte e belo como o jaguar, e que vibrará o arco e o tacape com a rapidez e o efeito de um raio. As tribos o chamarão "o filho do fogo e do sol". Mas a sua energia e prestígio desaparecerão se ele vir, na lagoa, a imagem de Iara.

O velho pajé cerrou os olhos e morreu.

Passaram-se anos. Guanumbi chegava à adolescência. Amou, e Iaci, sua noiva, foi a virgem prometida dos sonhos que lhe enchiam a alma de afeto.

Uma noite, divagavam ambos, num idílio suave, quando, ao longe, se refletiu, à luz do luar, a água quieta da lagoa. Iaci pediu-lhe para ir até lá. E Guanumbi, arrebatado pela paixão e desobedecendo à recomendação paterna, exclamou:

— Vamos, nada temo, ao teu lado, meu amor!

Partiram resolutos. Dentro em pouco, tinham sob o olhar toda a extensão da lagoa fatídica.

Com as mão unidas e absortos pela magia do luar, os namorados contemplavam a beleza da água tranqüila e melancólica, quando Guanumbi notou que no fundo da lagoa se retratava um rosto, semelhante ao de Iaci, porém, mil vezes mais belo, com os cabelos verdes, da cor das pedras muiraquitãs, o qual ia subindo e crescendo à superfície da água.

Fascinado, acocorou-se, fitou profundamente a visão, e viu que aquela imagem deslumbrante em breve submergia e que seus cabelos desciam até o fundo da lagoa e lá se enraizavam. Guanumbi, alucinado, estendeu os braços e tombou no fundo abismo das águas.

Era a aparição sinistra de Iara.

Da cintura para cima o corpo é de uma bela mulher. E da cintura para baixo o seu corpo é de peixe.

Conta a lenda que até hoje a Iara encanta jovens que vêm pescar ou banhar-se nos lagos.

O CURUPIRA

Manuel Santiago

O CURUPIRA

Quando o primeiro homem aportou ao Amazonas, encontrou uma grande caititu, que lhe disse:

— Eu sou o rei destas terras. Todos me obedecem e a todos eu venço na força e na agilidade...

O tapuio, desconfiado e invejoso, seguiu-o . Andaram, andaram, até a floresta virgem...

A uma gesto enérgico do caititu, as antas correram na frente, abrindo caminho no emaranhado das matas, e os jacarés, à beira dos rios, ofereciam passagem nos dorsos como se fossem ubás.

As sucurijus ergueram-se, em curvas rígidas, nas extremidades das caudas, colhendo os frutos mais altos e maduros que vinham cair aos seus pés. E as onças roçavam-lhe nas pernas como gatos domesticados...

— Então? — indagou o caititu — se todos te servem, que mais queres?...

Respondeu ele, de mau humor:

— Tenho fome; quero caça.

E alvejou a flecha ao peito do seu guia e servidor...

O caititu soltou um grito — grunhido — tão estridente que fez todos os animais fugirem...

E o tapuio, amedrontado e covarde, matou-o ...

Começou a ouvir o vento nas folhagens, como gargalhadas que se iam repetindo, até se confundirem os ecos com o barulho da correnteza do rio em cachoeiras...

É o Curupira! ... É o Curupira!... — tudo repetia a medo!...

E o Curupira, como gênio dominador das selvas, sentenciou ao primeiro homem: — A tua maldade fez encerrar-se para ti o reino da floresta. Serás devorado pelas feras e todos os bons animais fugirão da tua presença... Maldito sejas, para sempre...

E a voz selvagem do Curupira perdeu-se na floresta como um eco longínquo que se apagasse à distância...

Desde esse dia, até hoje, ainda se encontra nas matas, no toco dos paus, ou cavalgando caititus, a figura exótica do Curupira...

IURUPARI

"YURUPARI

IURUPARI

No tempo das Amazonas, existia uma das "Icamiabas" que se apaixonou perdidamente por um valente guerreiro.

Era lei em sua taba que, depois de um efusivo conúbio de amor, a mulher abandonasse para sempre o amante, depois de lhe oferecer a pedra sagrada — o muiraquitã.

Os dois amorosos foram obrigados a separar-se e sofreram tanto que Iurupari (Deus do sonho), comparecido, resolveu abrandar a sua mágoa. E, à noite, durante o sonho entretecia ele redes nupciais das mais lindas penas, unindo-as e embalando-as espiritualmente.

Um dia, o guerreiro, cada vez mais apaixonado por aquela que só via em sonho, aproximou-se da tribo das Amazonas.

Contam, então, que vagando em procura da sua amada, se deixou aprisionar por uma audaz tapiina.

Chegando à maloca, as Amazonas, irritadas pela imprevista incursão do guerreiro, resolveram condená-lo ao sacrifício.

Ao chegar a noite, depois que se fez o silêncio na taba, a amante, para salvar-lhe a vida, veio pedir-lhe que fugisse.

Mas ele a nada cedeu, e disse:

— Prefiro morrer a manchar meu nome de guerreiro altivo, desassombrado da própria morte.

Então, ela, vendo que as suas súplicas não eram atendidas, invocou Iurupari e, cerrando os olhos, adormeceu ao lado do seu prisioneiro.

No outro dia, ao alvorecer, encontraram os dois amantes mortos na rede.

"Foi Iurupari! Foi Iurupari!..."

Prorromperam as "Icamiabas", assustadas.

E, batendo fortes palmas com as mãos e ressoando os maracás, num alarido infernal, procuraram afastar de seus olhos a visão chamejante de Iurupari, que fugia com a luz da manhã...

TINCUAN

TINCUAN

Uma vez, um tuxaua ia subindo o rio, e quanto mais remava, mais ouvia o barulho da cachoeira atrás de si.

Remava, remava, e o barulho ia crescendo sempre, como se ele estivesse recuando para o perigo.

Aflito e vendo-se na iminência de numa das voltas do rio aparecer-lhe o abismo, dirigiu-se a uma pássaro que cortava os ares:

— Pássaro, empresta-me as tuas asas, para que eu possa ainda uma vez ver a minha taba!

A ave deu um grande mergulho, como se fosse pescar, e desapareceu...

O índio remou novamente, notando então que o ruído da torrente ia diminuindo e a canoa navegava tão ligeira que mal lhe dava tempo de dirigir o jacumã...

Quando chegou à maloca, encontrou danças e cantos em regozijo pela sua volta, pois já o supunham morto, tantos os dias que passara ausente.

Na festa, despertou-lhe a atenção um guerreiro que dançava respeitosamente com sua própria noiva, que deixara na taba.

Estava carregado de troféus, chocalhavam-lhe no pescoço colares de dentes magníficos das feras e dos

inimigos maiores. As mais ricas penas ornavam-lhe o corpo e na cabeça altiva erguiam-se duas asas semelhantes às do pássaro encontrado, que o tinha salvo da morte.

Enciumado e invejoso da beleza daquele que julgou seu rival, aproximou-se da noiva e arrebatou-a, desfeiteando o belo e misterioso guerreiro no meio dos da sua raça, os quais expulsaram o estrangeiro como covarde...

O guerreiro das asas afastou-se lentamente, sem se defender, com a cabeça erguida para o céu, e atirou-se ao rio...

Toda a tribo tomou as ligeiras ubás para persegui-lo.

Nesse momento, na vastidão da selva, pelos igarapés, dos igapós à várzea tranqüila, reboou o estrondo da "pororoca". E um pássaro, levantando o vôo da água, subindo, subiu, subiu e gritou:

— "Tincuan! Tincuan!".

Caiu a noite e nasceu entre eles o terror que a taba desconhecia. Todos os índios, atônitos, rolaram na cachoeira...

COBRA GRANDE

"A cobra grande"

COBRA GRANDE

Existiu, outrora, no meio de uma tribo do Amazonas, uma mulher tão feia e perversa que comia até crianças.

Para acabar com esse flagelo, dizem que a tribo deliberou atirá-la ao rio, imaginando que ela morresse afogada e nunca mais voltasse a perseguir ninguém.

Infelizmente, "Anhanga", o gênio do mal, não quis deixá-la morrer. Casou-se com ela e deu-lhe um filho. Para que esse curumim pudesse viver dentro do rio, ele encantou-o numa cobra. Mas em breve essa cobra começou a crescer...

O rio tornou-se pequeno para contê-la; já não existiam mais peixes; ela os devorava todos.

Durante a noite seus olhos iluminavam como dois faróis.

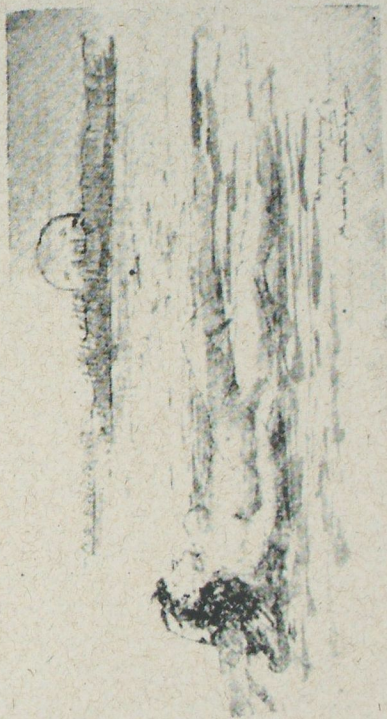
Vagueava fosforescente por sobre os rios e as praias, perseguindo e devorando a caça e os homens.

As tribos, atemorizadas , chamavam-na a Cobra Grande.

Mas um dia a mãe dela morreu. E a sua dor manifestou-se por um ódio tão violento, que dos seus olhos, em vez de lágrimas, jorravam contra o céu flechas de fogo, que, serpeando pela escuridão, se transformavam em coriscos.

Depois deste dia, ela nunca mais perseguiu ninguém e vive adormecida debaixo das grandes cidades.

Contam que ela só acorda para anunciar o verão no céu, em forma de Serpentário, ou nas fortes tempestades para clarear, com a luz dos relâmpagos, as tribos apavoradas.

MAPINGUARI

MAPINGUARI

Mapinguari é um misto de homem-bicho, forte e feio, que tem uma banda só.

Caminha pulando a grandes saltos e possui uma força oculta extraordinária.

Dizem que, em outros tempos, se divertia matando as plantas e os animais.

Quando queria comer frutas e não as alcançava, derrubava a árvore.

Não conhecia a amizade: todos para ele eram inimigos.

Um dia, porém, viu num igarapé uma Tapiina, chorando, arrependida, por haver, numa luta, matado a sua querida irmã.

Indignado com essa fraqueza, Mapinguari carregou a jovem para o fundo das águas e fê-la morrer afogada.

Mas seu corpo boiou. Veio o sol e iluminou de ouro seus cabelos, que se espalhavam pelo lago, transformando-se em reflexos de luz.

Vendo-a assim deslumbrante de claridade e cores, Mapinguari teve ciúmes do sol e, apaixonado, alucinado, começou a crescer como uma grande sombra negra, para cobrí-la de seu rival, o sol.

Mas o sol é de Tupã, e Tupã flechou-o, dividindo Mapinguari em duas partes.

Uma desapareceu no fundo da terra. A outra vagueia, procurando vingança, em todas as coisas.

MATI-TAPERÊ

MATI-TAPERÊ

Contam que noutros tempos as tribos do Amazonas foram perseguidas por um ser estranho e maléfico.

Era filho do Curupira, e aparecia sob a forma de um curumim. Tinha um pé só, largo e chato, virado para trás.

Seu velho pai não via com bons olhos as diabruras do filho. Mais de uma vez o tinha repreendido, enfurecendo-se quando perseguia algum animal da floresta.

Certo dia, o curumim, cansado de tanto maltratar a caça e os índios, resolveu amofinar o próprio pai. Conhecia quanto era profunda a estima que seu pai dedicava ao fiel caititu, e resolveu, por maldade, matar o pobre animal e fazer dele um bom assado para comer.

Quando, à noite, o Curupira quis cavalgar o caititu para percorrer seus domínios florestais, encontrou somente os ossos. Enraivecido, saiu a procurar o autor daquela perversidade, descobrindo logo seu filho que , meio oculto atrás de uma árvore, se torcia de tanto rir.

De um salto, o Curupira atirou-se sobre o menino que, sempre pulando e rindo, fugiu, encantando-se no pássaro sinistro de que conserva o nome. E ainda hoje, nas florestas escuras, nos recantos soturnos dos igarapés, o caboclo sente

um arrepio de medo, quando ouve o assobio impressionante e agourento:

— "Mati-Taperê!...

O IRAPURU

O IRAPURU

Quando eu era menino morava em Manaus, na Cachoeirinha, bairro onde nasci, numa casa grande, estilo colonial das nossas antigas habitações.

Os corredores compridos e largos, as salas enormes, davam para as varandas entrelaçadas de maracujás e guaco cheiroso.

A chácara só tinha fim quando se via a mancha verde escura da mata.

Itaboan era meu amigo e companheiro de brinquedos; índio semi-civilizado por alguns anos de convívio com minha família. Descendente de Tapuios, os olhos oblíquos, máscara impenetrável, sábio diante dos fenômenos da natureza, atraía-me ele, como um mistério a desvendar.

Um dia, disse-me: — Prepara a tua baladeira, vamos passarinhar na floresta.

E fomos, indo ele à frente, com o terçado cortando os cipós, abrindo caminho e marcando as árvores para a volta.

Só se ouvia o estalar das folhas secas debaixo de nossos pés, ou os assobios dos macacos assustados.

Caminhamos, caminhamos pela floresta a dentro.

Notava que Itaboan estava preocupado, quando ele se virou para mim e falou: — Parece que nos perdemos; vou subir naquele açaizeiro para achar o rumo.

Quando desceu, disse que vira ao longe a casa de meu pai.

Continuamos a andar. Deviam ser três horas, pois já começava escurecer na floresta.

Novamente, tínhamo-nos perdido.

Imóveis, esverdeados pelos reflexos das árvores, olhamos inquietos. Teríamos nós de dormir cóm as feras no mato?...

Foi quando ouvimos, de repente, um chilrear de milhões de pássaros esvoaçando sobre as nossas cabeças.

Itaboan puxou-me pela mão, fez escondermo-nos por trás de uns arbustos, e murmurou: — É o Irapuru que vai cantar.

De súbito, todas as aves se calaram. Um silêncio impressionante empolgara a alma de todas as coisas da natureza.

Então, comecei a ouvir um gorjeio muito sutil e muito doce, que me embalava maciamente como uma rede misteriosa. Fechei os olhos enfeitiçado, esquecendo-me de tudo.

O Irapuru cantava. A magia de sua voz enchia e imponderabilizava todo o ambiente como o fluido de um encantamento selvagem a que emprestava ainda maior poder e fascinação a sombra que o emaranhado dos cipós dava à selva ou soturno rumor dos rios gigantescos ou o fragor das pororocas indômitas.

A ave dominava, pelo sortilégio de sua voz, com estranha força de melodia.

Uma nota última, vibrante, pôs termo ao seu canto.

E partiu veloz através do espaço, acompanhado do côro infinito de outras aves.

Itaboan, com o rosto iluminado de alegria, exclamou: — "IRAPURU DÁ SORTE. JÁ ACHEI O CAMINHO". E mostrou-se os sinais que ele tinha deixado nas árvores.

Foi assim que eu conheci o pássaro da felicidade.

O BOTO

O BOTO

Durante as noites de lua cheia, tem por hábito o boto transformar-se em famoso e sedutor guerreiro.

E, enfeitando-se de garridas plumagens de cores deslumbrantes, procura as tabas onde repousam as "tapiinas", ou as festas onde, ao som do "hezo-hezo", dançam as mulheres dos guerreiros.

Certa vez, depois de muito namorar e satisfazer os seus desejos, sua amante notou que debaixo das magníficas penas que o ornamentavam, saía uma barbatana de peixe. Muito ingênua, perguntou-lhe:

— Ué! Por que usa isso aí, afeiando a sua plumagem?...

O boto, envergonhado, respondeu-lhe:

Isso é o que falta a muita gente que morre afogada.

Depois deste dia, saiu da maloca e nunca mais voltou...

A índia, com sua ausência, ficou tão triste que passava os dias inteiros chorando à beira dos igarapés, com o filhinho às costas, vendo todos os demais botos que passavam.

Mas, uma vez, o rio encheu tanto, que ela, distraída como estava, não teve tempo de fugir, e a correnteza a levou no turbilhão das águas.

No dia seguinte, quando os da tribo pescavam, viram um boto empurrando dois corpos para a praia.

Eram mãe e filho conduzidos pelo afeto do boto encantado, que fugira...

É por estes motivos que ainda hoje os botos impelem os cadáveres para terra.

O CAIPORA

O CAIPORA

Um Tuxaua destinava casar sua filha Coema com o neto do poderoso chefe da tribo dos Maués.

O rapaz, porém, era um caçador vulgar e perverso, que nem o título de guerreiro pudera ainda obter.

Quando menino, na terrível prova da tucandira, se portara com tanta covardia que os pais, receosos daquele ato de fraqueza, afastaram seus filhos para que eles não seguissem o mau exemplo.

Coema amava Uirauçu, forte e belo guerreiro, descendente de uma raça de heróis e vencedor sem rival em todas as lutas. Mil vezes fora vitorioso das armadilhas desonestas do seu futuro sogro, a quem sempre perdoava pelo amor de Coema.

Tendo a tapiina chegado à puberdade, anunciaram os pajés a todas as tabas a festa de sua consagração.

Nela seria posto à prova o heroísmo dos pretendentes à conquista da bela Coema.

O pérfido tuxaua, temendo a concorrência de Uirauçu, excluiu-o do torneio.

Mas, Coema doeu-se tanto com essa injustiça que caiu gravemente enferma.

Os pajés, consultados, decidiram que só se poderia evitar a sua morte chamando Uirauçu à festa. Como era de esperar, o incrível apaixonado de Coema derrotou todos os pretendentes e saiu das mais difíceis provas.

O pai cruel e pusilânime pretendente, vendo que nada mais podiam conseguir, resolveram matá-lo à traição.

Uirauçu foi a tempo prevenido. E para evitar a cilada, colocou na rede onde costumava dormir, o vaso sagrado dos pajés, que todos respeitavam e temiam como um coisa sobrenatural.

Quando veio a noite, o velho tuxaua, acompanhado do pretenso noivo de sua filha, aproximou-se da rede. Acreditando ser o vulto de Uirauçu, ergueu o tacape desfechando violento golpe. Ao impulso, o vaso partiu-se sobre o velho, que recuou até o seu medroso companheiro. Este, tanto se encheu de susto que se julgou vitima de uma agressão de Uirauçu e, sem mais hesitar, enterrou a seta envenenada nas costas do velho.

No outro dia de manhã, a tribo baniu o malvado assassino.

E o corpo do velho tuxaua foi amarrado numa igara para que correnteza do rio o levasse à Anhanga.

Porém, a sua alma ninguém a quis. E' a alma penado do Caipora, que durante as noites escuras, vagueia pelos matos, armando ciladas aos viajantes, matando as plantas e pássaros que dele se aproximam.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato
E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura